

TOM E MODALIZAÇÃO AUTONÍMICA NO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA ADOLESCENTES

TONE AND AUTONYMIC MODALIZATION IN SELF-HELP DISCOURSE FOR TEENAGERS

Marília Molina Furlan
Mestre em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(mariliamolinafurlan@yahoo.com.br)

RESUMO: O objetivo do artigo é caracterizar a cenografia e o *ethos* discursivo da obra *Por que estou assim? Os momentos difíceis da adolescência* (WEINBERG, 2007). Para a análise, adota-se o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as reflexões de Maingueneau (2005, 2008a, 2008b) sobre *ethos* discursivo e cenas de enunciação. A análise abrange dois aspectos da materialidade discursiva: o tom e a modalização autonímica. Como resultado da análise observa-se uma cenografia de terapia psicanalítica, em que o enunciador ora aproxima-se ora distancia-se de seu enunciatário.

Palavras-chave: Cenografia; *Ethos*; Tom; Modalização autonímica; Autoajuda

ABSTRACT: This paper aims to characterize the scenography and the discursive *ethos* of the book *Por que estou assim? Os momentos difíceis da adolescência* (WEINBERG, 2007). In order to analyze it, we acknowledge the theoretical-methodological basis of the French Discourse Analysis, especially the considerations by Maingueneau (2005, 2008a, 2008b) on discursive *ethos* and on enunciation scenes. The analysis covers two aspects of the discursive materiality: the tone and the autonymic modalization. As a result of the analysis, the scenography of psychoanalytic therapy could be noted, in which the enunciator sometimes approaches, sometimes moves away from the co-enunciator.

Key-words: Scenography; *Ethos*; Tone; Autonymic modalization; Self-help.

O discurso de autoajuda

As vendas de obras de autoajuda destacam-se cada vez mais no mercado editorial brasileiro, muito embora este crescimento não seja um fenômeno exclusivamente nacional. O sucesso mercadológico das obras de autoajuda pode ser considerado uma amostra do potencial que o discurso de autoajuda tem para promover, no contexto sócio-histórico contemporâneo, a ideologia centrada no individualismo pós-moderno que caracteriza as atuais sociedades. Em geral, o individualismo é caracterizado nos trabalhos que se dedicam ao tema (BAUMAN, 1998; CHAGAS, 2001; RÜDIGER, 1996) como um fenômeno ideológico que se caracteriza pelos deslocamentos nos referenciais de identificação (de coletivos para individuais) e pela exigência de novos estilos de vida, que levam a construções e reconstruções de identidades que sirvam ao modelo capitalista vigente.

Nesse contexto, o sujeito pós-moderno, embora seja um indivíduo que se vê livre para tomar decisões, encontra-se solitário e dependente de si mesmo, desprovido de um lugar social bem definido. Além disso, tende a focar a si mesmo em detrimento das forças sociais que o constituem, que o mobilizam e que o integram em determinada coletividade. O indivíduo pós-moderno se encontra impelido a tentar diminuir suas fragilidades e superar as dificuldades pessoais em busca do bem-estar e da satisfação pessoal. Por isso, o individualismo pós-moderno também se caracteriza pela incessante necessidade de satisfação de desejos particulares originados pelas novas relações de consumo características do capitalismo atual.

O enfoque na resolução dos problemas individuais e na constituição de uma personalidade nos moldes capitalistas (determinada, em grande medida, a suprir primordialmente necessidades particulares e, por vezes, indiferentes às condições sócio-históricas que acarretam os problemas de ordem social que afetam as sociedades modernas) parece alavancar as vendas das obras de autoajuda. Assim, tais obras investem na promoção de um indivíduo ideal característico da contemporaneidade: seguro, autoconfiante, determinado e concentrado em alcançar sucesso profissional e financeiro.

Considerando-se a relevância da ideologia individualista para o discurso de autoajuda e os números do mercado editorial em relação às publicações e às vendas dessas obras, vários estudos têm-se direcionado a explicar o funcionamento do discurso veiculado nesses livros, seja pela descrição específica de aspectos sociológicos e históricos que condicionaram sua constituição, seja pela análise dos mecanismos enunciativos que o particularizam.

Neste artigo, pretende-se contribuir com os estudos sobre o discurso de autoajuda, analisando obras destinadas ao público adolescente, uma de suas vertentes mais recentes e uma das menos pesquisadas. Dados do Levantamento Anual do Segmento de Livrarias, realizado pela Associação Nacional das Livrarias em 2010, indicam que o setor de vendas de livros destinados ao público infanto-juvenil foi um dos que mais cresceram no Brasil. Os números de pesquisas da Câmara Brasileira dos Livros apontam para a mesma direção: o setor de publicações para esse público esteve entre as primeiras posições no número de exemplares produzidos no Brasil em 2008 e 2009 (ANL, 2011). Entre tais

publicações, encontram-se as de autoajuda para o público juvenil. Dessa forma, trata-se também de contribuir com os estudos de discursos sobre a adolescência ou voltados aos adolescentes, revelando mecanismos enunciativos que caracterizam ou especificam o modo de enunciar de produções textuais destinadas a esse público.

Para tanto, adota-se o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), especialmente as reflexões de Maingueneau (2008a, 2008b) sobre os conceitos de cenas de enunciação e *ethos*. De um ponto de vista mais específico, este trabalho pretende investigar o *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes e caracterizar a(s) cena(s) de enunciação na(s) qual(is) esse *ethos* emerge. O interesse por esse último conceito (considerado, basicamente, como a imagem relacionada ao sujeito enunciador do discurso revelado pelo próprio modo como enuncia) se deve ao fato de que está diretamente ligado à questão da eficácia de um discurso, isto é, à sua capacidade de suscitar a crença.

A análise do *ethos* vincula-se à análise da cena de enunciação instaurada na obra pesquisada, uma vez que ele participa da constituição dessa cena, que é a que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que o próprio discurso legitima por sua própria enunciação (MAINGUENEAU, 2008b).

Em relação à estrutura do presente trabalho, o artigo organiza-se da seguinte forma: na primeira seção, além de se apresentar a obra considerada para análise, descrevem-se os princípios teóricos da AD que a fundamentam. Nas duas seções seguintes abordam-se os princípios teóricos relativos à análise, respectivamente, da tonalidade e da modalização autonímica no livro e analisam-se os seus efeitos na caracterização da cenografia e do *ethos* discursivo da obra. Por fim, nas considerações finais do trabalho, sintetizam-se os principais resultados das análises desenvolvidas.

Cenografia e *ethos* discursivo

Em termos mais gerais, o conceito de *ethos* discursivo pode ser descrito como a imagem que o enunciador projeta de si mesmo pela forma com que enuncia. Segundo Maingueneau (2008), trata-se de um saber inferido a partir da enunciação e não um saber extradiscursivo sobre o locutor. Assim, ao destinatário cabe a tarefa

de atribuir certas características à entidade que se manifesta como origem da enunciação, considerando o modo como enuncia. Ainda de acordo com o autor, entende-se que o *ethos*, assim como o locutor apreendido como enunciador, mostra-se na enunciação, sem ser dito no corpo do enunciado. Ou seja, essa imagem do enunciador é percebida no discurso, sem ser o objeto deste discurso, o que significa que não se identifica com os atributos reais do locutor, mesmo que esteja associado a ele. A esse respeito, Maingueneau (2008) afirma que o destinatário atribui ao locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são, na verdade, intradiscursivos, pois são associados a uma forma específica de dizer, de enunciar. Na verdade, não se trata de traços exclusivamente intradiscursivos porque também intervêm na elaboração do *ethos* pelo destinatário dados exteriores ao discurso do locutor, tais como mímicas, traços, gestos, etc. O conceito abrange, então, o comportamento verbal e não-verbal do enunciador. Como ressalta Maingueneau (2008a), há sempre elementos contingentes num ato de comunicação em relação aos quais é difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, embora influenciem a construção do *ethos* pelo destinatário.

Maingueneau, apesar das dificuldades associadas à noção, elenca os seguintes princípios mínimos que embasam seu construto teórico de *ethos*: (i) o de que se trata de uma noção discursiva, isto é, que ele se constrói através do discurso (não é uma imagem independente da enunciação); (ii) o de que se trata de um processo interativo de influência sobre o outro; (iii) o de que se trata de uma noção híbrida (sócio-discursiva), “um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação comunicativa específica, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 17).

Para o autor, a noção de *ethos* mantém um laço especial com a reflexividade enunciativa e permite articular corpo e discurso para além da distinção entre oral e escrito. Mais exatamente, a instância subjetiva que se manifesta no discurso se deixa conceber como uma espécie de “voz” indissociável de um corpo enunciante, que é historicamente especificado. Desse modo, todos os textos, mesmo os escritos, têm uma vocalidade, que pode se manifestar numa multiplicidade de tons¹ associados a certa caracterização do corpo do enunciador,

¹ Maingueneau prefere empregar o termo “tom”, pela vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral.

considerado o “fiador”, isto é, o responsável pela enunciação. Esse fiador é construído pelo destinatário a partir dos índices liberados na enunciação.

Com essa perspectiva, Maingueneau (2008a) desenvolve uma concepção de *ethos* que ele chama de “encarnada”, recobrando não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas do “fiador”. Essas determinações, por sua vez, dizem respeito a representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se ao fiador certo **caráter** (concebido como um feixe de traços psicológicos) e certa **corporalidade** (uma constituição física associada a uma forma de se vestir), que juntos implicam uma forma específica de se mover no espaço social, um determinado comportamento associado a estereótipos sociais que a enunciação contribui para manter ou transformar e nos quais os destinatários se apoiam para sua apreensão da imagem do enunciador. Assim, entende-se que o destinatário tem um papel relevante na construção do *ethos* do enunciador, pois é ele que, com base nos traços intradiscursivos, relaciona o modo de dizer do sujeito que enuncia a representações coletivas e culturais relativas a modos específicos de habitar o mundo, atribuindo, desse modo, ao fiador certa imagem psicológica e social.

Além dessas propriedades, o *ethos* está vinculado à cena de enunciação, que, segundo Maingueneau (2008a), engloba três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A **cena englobante** corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático (por exemplo: discurso literário, discurso religioso, discurso filosófico, discurso publicitário). A **cena genérica**, por sua vez, diz respeito ao contrato associado a determinado gênero (editorial, sermão, guia turístico, visita médica, receita, etc.). Finalmente tem-se a cenografia, cena construída pelo próprio texto, que não é necessariamente imposta pelo gênero; assim, por exemplo, um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral. A **cenografia** é exatamente o lugar onde o fiador do discurso está inserido, assumindo certo modo de enunciação.

Dada a importância desse último tipo de cena para este trabalho, já que é nessa cena que emerge o *ethos* discursivo, convém destacar outras observações de Maingueneau a respeito da noção de cenografia. Sobre essa importância da cenografia para o discurso, Maingueneau (2008b) afirma:

A escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de **sua** cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe. Para isso, é necessário que ele faça seus leitores aceitarem o lugar no universo de sentido que ele instaura. (MAINGUENEAU, 2008b, p.117, grifos do autor)

Desse modo, entende-se que, para o autor, a cenografia não se confunde com um quadro predeterminado dentro do qual uma enunciação é inserida. Trata-se de um dispositivo próprio ao discurso que se desenvolve simultaneamente à sua enunciação e que, ao mesmo tempo em que a legitima, é legitimado por ela. É a própria enunciação que especifica a cenografia e esta é a única que permite que tal enunciação funcione para determinado universo de sentido que um discurso manifesta, contribuindo, inclusive, para a aceitação, convencimento e adesão dos co-enunciadores ao discurso em questão.

A obra analisada neste artigo é **Por que estou assim? Os momentos difíceis da adolescência** (WEINBERG, 2007). No livro, as principais questões diretamente relacionadas à adolescência (crises de identidade, relacionamento com os pais, independência, relacionamentos amorosos, amizades, drogas) são problematizadas e discutidas sob a perspectiva psicanalítica da autora.

Os tons do discurso

Conforme já dito, o *ethos* do discurso está relacionado à vocalidade dos textos, que pode se manifestar numa multiplicidade de tons. Desse modo, a observação dos tons das obras em análise deve contribuir para análise do *ethos* discursivo.

Em artigo em que analisa os tons encontrados em programas humorísticos de televisão, Duarte (2005) apresenta as principais propriedades que são em geral pressupostas quando popularmente se utiliza o conceito; posteriormente, reflete sobre a noção, adotando, para tanto, o ponto de vista semiótico.

Segundo a autora, os seguintes aspectos caracterizam o que em geral se pressupõe a respeito de tom de um enunciado ou de um texto (considerando-se a análise que realiza de comentários sobre tom feitos por diversas fontes): a

correspondência entre o tom e determinado efeito de sentido, o fato de que ele é conferido ao discurso (lhe é acrescentado), a exigência de que cada texto empregue um determinado tipo, a informação de que seu conteúdo pode manifestar desde estados da alma a comportamentos e de que a sua expressão se dá na/pelas linguagens, a existência de certos mecanismos de conteúdo e de expressão que o manifestam em um texto, o desempenho de funções estratégicas pelos diferentes tipos, a identificação do enunciador (e de seus estados de alma, de seus atos de fala) pelo emprego de determinados tons, a sua graduação ou ênfase de na caracterização dos gêneros, que implicam também um tom específico para quem enuncia.

Para Duarte, o conceito de tom define-se nos seguintes termos: "**propriedade** inflexiva que se confere ao **modo de expressar-se** em diferentes linguagens" (DUARTE, 2005, p.4, grifos da autora). Essa noção não corresponde ou se identifica com a força ilocutória ou perlocutória do que é enunciado, mas se vincula ao que a autora denomina de processo de tonalização, ou seja, um conjunto de procedimentos discursivos que visa atribuir ao enunciado diferentes graus de modalização e passionalização em função das condições de produção. É pela tonalização, então, que o tom principal do discurso se articula (pelo processo de modulação) a diversos outros e suas diferentes nuances se graduam. Trata-se, pois, de compatibilizar e harmonizar os diferentes tons no texto.

Ainda sobre a noção de tom e a sua relação com o enunciador, a autora afirma que

O **tom** confere, então, ao discurso produzido um **modo de dizer** que se projeta diretamente sobre os sujeitos da comunicação - enunciador e enunciatário -, operando sobre o **conhecer para fazer sentir** e sobre o **sentir para fazer conhecer**; sobre o **dizer para fazer fazer** e sobre o **fazer para fazer dizer**. (DUARTE, 2005, p.4, grifos da autora).

Segundo a autora, o tom pode dizer respeito, em relação aos enunciados em que se manifesta, às seguintes nuances: de andamento (lentidão vs. vagareza), de atitude (suavidade vs. rispidez), de composição (simplicidade vs. complexidade), de densidade (dispersão vs. concentração), de disposição (sobriedade vs. ludicidade), de espessura (superficialidade vs. profundidade), de intensidade (gravidade vs. agudez), de temperatura (frieza vs. calorosidade), de posição

(proximidade vs. distância), de rigidez (flexibilidade vs. inflexibilidade), de ritmo (regularidade vs. irregularidade), de saturação (pureza vs. opacidade), de textura (lisura vs. aspereza), de timbre (mesmice vs. diferenciação), de tratamento (formalidade vs. informalidade), de valor (claridade vs. obscuridade), de volume (peso vs. leveza) etc.

Por fim, cabe ressaltar uma última observação da autora, que concerne à relação entre os tons e os tipos de discursos. Conforme afirma Duarte,

As práticas sociais e discursivas de antemão normatizam, legislando sobre os tons principais e complementares adequados a cada formação discursiva agregando, às suas regras de formação, disposições concernentes ao tom (DUARTE, 2005, p.5).

As reflexões de Duarte (2005) a respeito dos tons do discurso auxiliam na análise da obra, em que está marcada a flutuação de tons assumidos pelo enunciador.

O tom hiperbólico dos enunciados, o principal da obra em análise, promove uma aproximação da enunciação do enunciador a de seu público-alvo, muitas vezes caracterizado pelo exagero e intensidade de ações e emoções, conforme o ponto de vista do senso comum sobre a fase adolescente.

A adoção desse tom enunciativo permite ao enunciatário constatar que o enunciador sabe muito bem o que o adolescente pensa, sente e como age, o que pode, então, aproximá-los. Os comportamentos, pensamentos e emoções dos jovens são sempre descritos em tons desmedidos, isto é, há uma desproporção entre a gravidade das situações e as atitudes por parte dos jovens.

Atrelado ao tom hiperbólico, manifesta-se um tom jocoso, relativo a essa desproporção que há entre as reações e sentimentos adolescentes e os fatos que lhe deram origem. O exagero é um mote gerador do riso que, por sua vez, também pode promover uma aproximação com o público, na medida em que, muitas vezes, o mesmo senso comum caracteriza este público pela sua alegria, irreverência e humor. Na maioria das ocorrências desses enunciados hiperbólicos, nota-se também a presença do discurso relatado em estilo indireto livre, no qual se misturam as vozes do enunciador e do enunciatário.

Convém lembrar os efeitos de sentido derivados dessa forma de citar o

discurso alheio. Maingueneau (2005) ressalta que nessa polifonia enunciativa não se distinguem claramente duas vozes, como no discurso direto, nem se absorve uma voz pela outra, como no caso do discurso indireto: é a mistura das duas vozes que impede identificar convictamente quais palavras pertencem ao enunciador ou ao indivíduo que é citado. Assim, o emprego desse recurso visa colar a linguagem e o ponto de vista de seus autores aos enunciados citados, restituindo-lhes as palavras e a opinião de quem é citado.

Considerando-se tais esclarecimentos, observa-se que é justamente pela adoção do tom hiperbólico dos enunciados, tom normalmente associado ao público juvenil, que se pode identificar o relato em estilo indireto livre. Abaixo, seguem ocorrências dos enunciados hiperbólicos que aparecem na obra em discurso indireto livre.

(01) “Ficar sentado na classe então é uma tortura, escutar a explicação do professor ou da professora exige um esforço sobrenatural.” (WEINBERG, 2007, p.15).

(02) “Parece que o bicho-papão vai atender do outro lado. Se a mãe não ligar para o dentista, o dente cai de podre. Se usar aparelho, então, é o caos.” (WEINBERG, 2007, p.46).

(03) “Pronto, nega-se tudo, pelo que há de mais sagrado no céu e na terra.” (WEINBERG, 2007, p.63).

(04) “É algo mortal, uma sensação horrorosa, desconhecida, um vazio enorme.” (WEINBERG, 2007, p.110).

(05) “E ter vontade de chorar até se afogar nas próprias lágrimas.” (WEINBERG, 2007, p.101).

O enunciador dessa obra projeta a imagem de pessoa confiável e conhecedora dos problemas, angústias e inseguranças adolescentes, não só pelo tom hiperbólico de certos enunciados que parecem espelhar o modo de enunciação adolescente, mas também ao assumir em seu discurso um tom de confidencialidade com o jovem, por meio de enunciados em que busca estabelecer um diálogo mais direto com o leitor da obra. Para tanto emprega os seguintes recursos: interpelação do interlocutor por meio do pronome *você*; perguntas que refletem dúvidas, inseguranças e sentimentos dos adolescentes; antecipação de pensamentos e respostas dos adolescentes; exclamações que manifestam entusiasmo, surpresa, preocupação, irritação.

Assim, o enunciador cria uma atmosfera de confiança e compreensão

entre eles, reproduzindo a enunciação adolescente. Exemplos desses enunciados são apresentados a seguir:

(06) “Porque, se souber, estraga tudo!” (WEINBERG, 2007, p.63).

(07) “Não deveria ser suficiente ter um corpão de 1,80m e barba na cara , ou seios grandes e quadris largos, para provar que não se é mais um menininho ou uma menininha?” (WEINBERG, 2007, p.22).

(08) “Que temores estariam por trás da sua indefinição? O medo de se arriscar? De desapontar seus pais? O medo de fracassar? Ou de ser um sucesso?” (WEINBERG, 2007, p.94).

(09) “A pressão é grande, e vem de todos os lados. Ser maduro, ser responsável, saber o que quer, fazer sexo seguro...” (WEINBERG, 2007, p.24).

(10) “Você quer ser independente, quer que seus pais parem com aquelas cobranças todas, mas se eles pararem com toda a encheção você certamente irá reclamar que ninguém liga para você.” (WEINBERG, 2007, p.33).

Em termos mais gerais, os enunciados em que se apresentam os tons hiperbólicos e confidentes abordam temas mais particulares, como a relação com os pais, com os grupos de amigos, com o próprio corpo, com sua própria identidade etc.

Embora o enunciador se apresente compreensivo e confidente, em outras partes da obra, quando se refere a assuntos de maior gravidade em relação à fase adolescente (como iniciação sexual, violência, uso de drogas e anorexia e bulimia), ele assume um tom mais sério e profissional na orientação dos jovens. Assim, ele posiciona-se em um lugar de saber pertinente ao estatuto de terapeuta e inicia uma manifestação desse saber diferenciado. Nesse sentido, o tom acompanha os temas tratados: temas menos sérios, tom mais jocoso; tema mais sérios, tom mais sério também. Nesse último caso, o enunciador trata seu público de forma mais próxima ao público adulto, exigindo responsabilidade e seriedade na consideração desses temas.

Por outro lado, quando os enunciados tratam de algum aspecto relativo à infância, o enunciador assume um tom mais infantilizado, empregando termos no diminutivo, tal como nas falas dirigidas às crianças menores. O enunciador trata o adolescente como um indivíduo com resquícios de traços da personalidade infantil, uma vez que ele ainda pode adotar tipos de atitudes características da infância, tal como sugerem estudos de psicologia do desenvolvimento a respeito da

adolescência (JERSILD, 1961), muito embora a este tratamento também se vincule um tom irônico, já que é justamente deste tipo de vínculo que o jovem procura se desvincular. Como exemplos deste tom, apresentam-se as seguintes ocorrências:

(11) “Se pensarmos bem, também não é exigido de você que não banque o *bebezinho* da mamãe, que mostre que já é uma mulher que sabe fazer muitas coisas sozinha ou prove que é um homem mostrando firmeza, cara de bravo, chamando para a briga aquele cara que olhou esquisito e você não gostou?” (WEINBERG, 2007, p.20).

(12) “Outras vezes, são os pais que dão um 'chega pra lá' aos filhos, quando eles querem continuar com *nhemnhemnhém* e *colinho*.” (WEINBERG, 2007, p.44).

(13) “Conheci crianças que ficavam horas sentadas no *peniquinho*, com a mãe perto contando histórias. Ou se cercavam de brinquedos e ficavam ali no *troninho*, como um *reizinho*, pedindo cada vez mais coisas.” (WEINBERG, 2007, p.70).

Por fim, é pertinente que se considere que a flutuação dos tons do enunciador pode servir também para espelhar a flutuação de humor característica da fase adolescente, refletindo a instabilidade de emoções deste público, promovendo, mais uma vez, uma atmosfera de aproximação entre enunciador e enunciatário.

Em relação à análise, nota-se, em primeiro lugar, a presença de cinco tipos básicos de tons: hiperbólico, jocoso, confidencial, sério, infantil. Tanto o tom hiperbólico quanto o jocoso indicam uma tentativa do sujeito enunciador de aproximar-se do enunciatário adolescente ao reproduzir o próprio modo de enunciação do jovem, caracterizado pelo senso comum como exagerado ou intenso, irreverente ou alegre. O tom confidencial também indicia a mesma aproximação ao mostrar na enunciação que o sujeito enunciador compreende os pensamentos e sentimentos de seu enunciatário, criando uma atmosfera de confiança entre eles.

Entretanto, este mesmo enunciador necessita de certo distanciamento do adolescente para tratar de temas mais sérios, reafirmando tanto seu estatuto de terapeuta, de especialista em questões de saúde e comportamento juvenil como seu saber diferenciado sobre determinados problemas da vida adolescente. Saber esse que indica o estágio intermediário da adolescência em relação à infância e à maturidade, o que possibilita a ocorrência de enunciados com tonalização mais infantilizada e irônica, que indicam, respectivamente, a permanência de traços infantis da personalidade adolescente e a tentativa do jovem de desvincular-se desses traços durante a adolescência.

Modalização autonímica

Neste item, recuperam-se as reflexões de Authier-Revuz (1998) a respeito da modalização autonímica, fenômeno enunciativo observado na análise.

Seguindo uma perspectiva enunciativa de descrição da categoria, Authier-Revuz (1995) caracteriza a modalização autonímica como fenômeno enunciativo engendrado no fio do discurso em que o sujeito enunciador delimita as supostas fronteiras discursivas entre si mesmo e o seu Outro, desdobrando seu discurso por meio de procedimentos que introduzem comentários sobre sua própria fala, ou seja, trata-se de uma auto-representação do dizer no próprio enunciado. Convém ressaltar que a delimitação dos discursos de si e dos Outros por este sujeito evidencia a ilusão de que ele é um sujeito uno, ideologicamente homogêneo, e não heterogeneamente constituído por estes Outros dos quais pretende se desvincular. Assim, esta categoria enunciativa permite analisar o embate do sujeito enunciador para constituir-se em determinado lugar discursivo e afastar-se daqueles que ele supõe serem seus "Outros", o que se revela como foco de investigação relevante para a análise do *ethos* discursivo.

Authier-Revuz (1998) classifica os tipos de modalização autonímica, ou nos termos da autora, as não coincidências do dizer, nas seguintes categorias:

- a) Não-coincidências interlocutivas: marcam a distância entre os co-enunciadores;
- b) Não-coincidências do discurso consigo mesmo: marcam a alusão do enunciador a outros discursos no interior de seu próprio discurso;
- c) Não-coincidências entre as palavras e as coisas: indicam a não correspondência entre palavras empregadas e as realidades às quais designam;
- d) Não-coincidências das palavras consigo mesmas: registram a ambiguidade de sentidos para uma mesma palavra.

Observa-se que a realização linguística destas não coincidências no fio do discurso pode se concretizar por meio de várias formas, como, por exemplo, o discurso direto, o indireto, a modalização em discurso segundo, as aspas, o itálico,

as alusões, o discurso indireto livre, etc.

Segundo Authier-Revuz (1998), as aspas e o itálico são formas marcadas de modalização autonímica que exigem um trabalho interpretativo, ou seja, formas que devem ser interpretadas como referência a outro discurso. Assim, pretende-se analisar em que medida o enunciador projeta sobre si determinada imagem por meio da delimitação e do afastamento dos discursos postos em relação (o seu e de seus Outros) e por meio dos comentários sobre sua própria fala.

Na superfície linguística da obra em análise, verifica-se a alta recorrência dos recursos gráficos de aspas e de itálico. Em primeiro lugar, o itálico e aspas cumprem, nessa obra, a função de registrar as não-coincidências do discurso consigo mesmo, delimitando as citações de terceiros em discurso direto. As ocorrências em que são empregados invocam cenas imaginadas pelo enunciador a respeito das situações de interação entre o público adolescente com adultos, ou de crianças com adultos, reproduzindo as falas características de cada contexto.

Segundo Authier-Revuz (1998), o discurso direto refere-se a uma forma de discurso relatado em que se registra não só uma frase ou um enunciado, mas um ato de enunciação, inclusive os elementos que envolvem a situação em que tal ato de enunciação se desenvolve (tempo, lugar, interlocutores, dados referenciais, etc.).

Na obra, entretanto, não se trata propriamente de reproduções de falas reais, ou de depoimentos, mas de simulações de diálogo entre adolescentes e adultos; trata-se, portanto, de outras cenas, daí o emprego das aspas.

Por outro lado, quando há reprodução do discurso dos adolescentes, os enunciados aparecem destacados do texto, sem aspas, sem negrito, sem comentários prévios ou subsequentes, ou seja, garante-se um espaço para a manifestação do público adolescente sem nenhum tipo de interferência (comentários) nem marcas que sinalizem que se trata de outro discurso (aspas, itálico, negrito). Assim, o sujeito enunciador sai de cena, cedendo seu espaço para a emergência da voz dos próprios adolescentes, o que não deixa de ser uma forma sutil de se distanciar, pelo recuo.

Quanto ao emprego das aspas e do itálico, nota-se que esses recursos aparecem nos relatos em estilo direto, por meio dos quais há uma simulação de diálogos entre adolescentes e adultos, mais especificamente os pais. O sujeito enunciador utiliza-se, portanto, deste recurso linguístico para encenar tais situações,

revelando conhecer o que de fato acontece nestes tipos de interação, inclusive em termos do que se fala e de como se fala (reprodução dos tons assumidos pelos “personagens” em cada situação simulada); ao mesmo tempo, este enunciador afasta-se do discurso em questão porque atribui aos personagens envolvidos a responsabilidade sobre o que dizem no ato de enunciação representado.

Cria-se, então, a respeito do enunciador, uma imagem de compreensão e confiança com o público leitor pela forma como demonstra entender as relações que eles estabelecem com os adultos e com seus pais, recorrendo às descrições pormenorizadas de cada situação ou reproduzindo seus diálogos, suas inflexões entonacionais e sentimentos envolvidos.

Em outros relatos, apresentam-se diálogos característicos de outras cenas que são frequentemente associadas aos adolescentes (cena de conselho, de cobrança, advertência), o que reforça a imagem do sujeito enunciador como alguém que realmente conhece o universo juvenil. Nesses casos, as aspas reforçam a distância que há entre o discurso dos adultos (que são os sujeitos que advertem, aconselham, fazem cobranças, etc.) e o discurso do sujeito enunciador, que se limita a reproduzir, à distância, tais cenas. A seguir, exemplos desse uso do discurso direto:

(14) “E a menina sabe que deve ser muito mais gostoso ejacular do que menstruar. Mesmo que a menstruação seja motivo de orgulho e lhe dê a possibilidade de ter filhos. O que, aliás, também é motivo de medo, porque fica todo mundo falando ‘Olha, cuidado, agora você já pode ficar grávida, hein!’” (WEINBERG, 2007, p. 16).

(15) “O segundo é o luto pelo papel e pela identidade infantis. *‘Você não é mais uma criança!’*, lhe dizem a toda hora. [...] Claro que você agora quer ser responsável pelos seus atos e também independente – *‘Ninguém manda em mim!’*”. (WEINBERG, 2007, p.32)

(16) “Aquela mãe de quem eu falava, por exemplo. Ela precisou suportar a ideia de que seu filho era diferente dela, que para crescer ele precisava se separar dela. Mãe tem que fazer um esforço danado para dizer: ‘Está bem, se é isso mesmo o que você quer...’” (WEINBERG, 2007, p. 58).

(17) “Alguns pais têm dificuldade em entender as idas e vindas do adolescente, e, quando eles se afastam, sentem-se traídos. Então quando eles voltam, os recebem com um ‘Ué!, mas você não era tão independente? Por que precisa de nós agora?’”. (WEINBERG, 2007, p.99-100).

Outra função das aspas e do itálico é a indicar as não-coincidências interlocutivas (entre o sujeito enunciador e um outro, algumas vezes o próprio adolescente). Marcam-se, com estes recursos gráficos, a distância que há entre o

discurso do sujeito enunciador e as expressões de que faz uso. Trata-se basicamente de expressões informais, mais ligadas ao discurso juvenil, quer dizer, não são expressões que normalmente são empregadas por um adulto. A respeito do emprego desses recursos, Authier-Revuz (1998) afirma:

Colocar entre aspas uma palavra permite, mesmo que se faça uso da palavra em um discurso, mostrá-la, ao mesmo tempo, como um objeto que, tido à distância, é designado como impróprio de certa maneira ao discurso em que figura: familiar, estrangeiro, contestado, etc.; as palavras entre aspas são marcadas como pertencentes a um discurso outro; por isso, o contorno que eles traçam no discurso é revelador daquilo que o discurso tem a demarcar como 'outro' em relação àquilo em que ele se constitui. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.118).

Assim, há uma “inadequação” da forma marcada no discurso, que indica que não se trata de uma palavra própria ao discurso, mas de uma palavra de um outro, no caso, de um jovem. Maingueneau (2005b) comenta um caso semelhante, no qual, num texto jornalístico sobre a juventude francesa, uma palavra, normalmente empregada por jovens, aparece aspeada:

Se o jornalista não houvesse empregado as aspas, teria adotado o discurso dos jovens; se não tivesse utilizado o verbo “sentir”, característico da fala dos jovens, estaria se colocando em um universo estranho ao desses jovens. (MAINGUENEAU, 2005, p. 165).

O mesmo acontece na obra em análise: expressões mais informais, coloquiais ou mais características da “descontração verbal” do adolescente são empregadas, o que aproxima o modo de enunciação do sujeito enunciador ao do jovem descontraído e informal, mas, ao mesmo tempo, as aspas garantem que não se trata exatamente da mesma fonte. Trata-se, segundo Maingueneau (2005, p. 165), de um meio enunciativo que “estabelece um meio-termo entre aproximação e distanciamento” e “de uma certa reserva por parte do enunciador, que indica, assim, uma não-coincidência de sua fala”. Para exemplificar tais ocorrências, apresentam-se os seguintes enunciados:

(18) “E ser responsável e independente é 'um saco' e custa caro (para todo mundo).” (WEINBERG, 2007, p.32).

(19) “Dor narcísica é isso: a gente sente toda vez que 'cai do cavalo'.” (WEINBERG,

2007, p.43).

(20) “Mas que bem-estar é esse, que as pessoas descrevem como 'um barato', 'um êxtase', 'uma viagem'?” (WEINBERG, 2007, p.110).

(21) “E a maior dificuldade para ajudá-las é que elas se recusam a admitir que têm um problema, não procuram e não cooperam com tratamentos até que alguém as interne 'na marra'.” (WEINBERG, 2007, p.118).

Por fim, cabe ressaltar o uso de aspas com a função de delimitar as não coincidências das palavras consigo mesmas, ou seja, com o papel de registrar algum tipo de inadequação de termos empregados, quanto aos seus sentidos mais usuais, nos enunciados em que as palavras são empregadas. Parece se tratar de uma tentativa do enunciador de facilitar o entendimento de seu discurso por parte de seu interlocutor, sinalizando-lhes a inadequação de seu próprio discurso, o que confere ao discurso um tom mais didático, conforme se pode perceber nos exemplos abaixo.

(22) “Fica preso a uma pedra, contorcendo-se, enquanto um tio materno mais alguém da tribo que se ‘especializou’ em fazer incisões na pele recortam desenhos em suas costas.” (WEINBERG, 2007, p. 19).

(23) “O medo (e o desejo) de ser um só com o outro, de se perder no desejo do outro (no outro conjunto), de ser ‘sufocado’ é perfeitamente compreensível [...]” (WEINBERG, 2007, p. 60).

(24) “Os animais, que nascem sabendo muita coisa, ‘sabem’ essas coisas instintivamente.” (WEINBERG, 2007, p. 83).

(25) “A questão é que, mesmo quando estiver sem fome, vai querer chupar o dedo, a chupeta ou o paninho, porque já vai estar ‘viciado’ nesse prazer.” (WEINBERG, 2007, p. 111).

Nota-se na obra analisada a ocorrência de três funções nos empregos de modalização autonímica: a de delimitação do discurso consigo mesmo, a da marcação de não-coincidências interlocutivas e a de marcação de não-coincidências das palavras consigo mesmas.

No primeiro caso, na citação do discurso alheio em situações simuladas de diálogos entre adolescentes e adultos, o enunciador manifesta uma compreensão e saber sobre as dificuldades e os conflitos vividos pelos jovens nas suas relações com os adultos, especialmente com seus pais, ao mesmo tempo em que indica um afastamento da responsabilidade sobre o que está sendo afirmado nesses diálogos.

No segundo caso, o enunciador indica em sua enunciação um estágio intermediário de aproximação de sua fala com as enunciações tipicamente juvenis,

utilizando determinadas expressões correntes do discurso adolescente, mas, pelo uso de aspas e itálico, indica também que não ele pertence a ou não se identifica com esse grupo.

Por fim, o uso de aspas e itálico na terceira função de modalização autonímica evidencia a inadequação do emprego de determinadas expressões no contexto em que são utilizadas pelo enunciador e a sua tentativa de facilitar o entendimento do enunciatário dos enunciados em que elas aparecem.

Considerações finais

Observou-se, pela análise dos tons do discurso e da modalização autonímica, que o enunciador da obra ora se apresenta como um confidente, como alguém que compreende sentimentos, comportamentos e angústias que caracterizam a vida dos adolescentes, ora se distancia dele para orientá-lo, ressaltando seu conhecimento e saber na orientação dos jovens no processo de superação das dificuldades desses jovens.

O uso de tons como o hiperbólico e o jocoso, próximos à enunciação e à imagem adolescente, como um ser intenso, dramático, mas ao mesmo tempo alegre e entusiasta, visa estabelecer uma aproximação entre enunciador e público. Esse efeito de aproximação também se deve pelo relato, em estilo direto, de simulações de conflitos que os jovens podem experienciar em relação aos adultos. Entretanto, o uso de modalização autonímica que marca a não-coincidência interlocutiva (as aspas e o itálico), o tom infantil (e irônico) por vezes empregado pelo enunciador, o uso de aspas marcando as não coincidências das palavras consigo mesmas fazem emergir uma figura sábia e experiente, apta a orientar os jovens, com um saber distinto que o faz se diferenciar e se distanciar do público, inclusive em termos de linguagem, condição necessária para que o jovem possa encontrar, com a leitura da obra, o entendimento e a superação dos percalços emocionais que afetam seu cotidiano.

Assim, a aproximação ao público assumido, na e pela enunciação, cumpre a função de estabelecer um primeiro contato entre enunciador e adolescente, desarmando-o contra possíveis objeções pelo fato de o enunciador ser e mostrar-se como um adulto (fonte de tantos dilemas e confrontos para os jovens). Entretanto, o distanciamento faz-se necessário na medida em que o enunciador

precisa mostrar o domínio de um saber que deve auxiliar seu público na resolução de suas questões pessoais, atreladas à fase adolescente pela qual passa. Tal orientação só pode ser de fato concretizada por quem sabe ou aparenta saber quais são e como podem ser solucionados os dilemas com os quais o adolescente se defronta.

Portanto, essa enunciação, caracterizada por um mecanismo de intercalação entre aproximação e distanciamento entre público e enunciador, pode indicar uma cenografia próxima a de alguns tipos de terapia psicológica ou psicanalítica, em que o terapeuta inicialmente se aproxima do seu paciente para ganhar-lhe a confiança, oferecendo-lhe, posteriormente, seus conhecimentos de um modo em que se evidencia seu *status* de homem de conhecimento, experiente, orientador.

Considerando-se tais observações, verifica-se que a obra apresenta pontos de intersecção com as obras de autoajuda mais tradicionais, na medida em que há um enunciador que orienta um público aflito, inseguro e angustiado, com problemas que não pode resolver por si mesmos. Entretanto, a forma como o enunciador se dirige ao público (de forma mais íntima e confidente e menos dogmática e autoritária) o distancia do discurso de autoajuda para adultos, relativo à temática do sucesso profissional e/ou financeiro, por exemplo.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS LIVRARIAS. **Venda de livros infanto-juvenis cresce e segmento ganha destaque no país.** Disponível em: http://anl.org.br/web/exibe_noticia.php?id=441. Acesso em: 27 de jan. 2014.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CHAGAS, A. T. S. das. **A ilusão no discurso de auto-ajuda e o sintoma social.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.

DUARTE, E. B. Televisão: sobre o tom do tom. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14., 2005, Niterói. **Anais eletrônicos...**, 2005. Niterói: UFF, 2005. Disponível em: <<http://www.unicap.br/gtspmidartigos2005Elizabeth.pdf>>. Acesso em: 17 set.2012.

JERSILD, A. T. **Psicologia da adolescência**. Tradução de José Severo de Camargo Pereira e João Alves dos Santos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1961.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2008a, p.69-92.

_____. **Cenas da enunciação**. Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. São Paulo: Parábola, 2008b.

RÜDIGER, F. **Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.

WEINBERG, C. **Por que estou assim**: os momentos difíceis da adolescência. São Paulo: Sá Editora, 2007.

Recebido em 27 de fevereiro de 2014
Aprovado em 23 de abril de 2014